



## A noção mítica de *Kháos* na *Teogonia* de Hesíodo

Jaa Torrano\*

*O universo, os deuses, os homens* (2003) e as memórias intituladas *Mito e política* são os últimos livros publicados por Jean-Pierre Vernant, e têm o traço comum, que os distingue dos outros livros anteriores do mesmo autor, de apresentar de certo modo programaticamente uma autointerpretação.

Em *O universo, os deuses, os homens* o autor se apresenta como um contador de mitos gregos, primeiro para o neto Julien e depois para um seletivo grupo de amigos isolados numa certa ilha, como se contar e ouvir mitos gregos ainda pudessem fascinar como um entretenimento repetido e repetível. Esse traço de contador de mitos e esse pressuposto de que estes possam ser um entretenimento repetido e repetível são, a nosso ver, essenciais à compreensão do que este livro é e se propõe, a saber, reatualizar os mitos gregos.

A *persona* do contador de mitos gregos confere ao escritor desse livro algo do inefável poder característico dos antigos contadores de mito – o poder de mostrar mediante a narrativa (propriamente dita “mito”) como o mundo se estrutura e se explica em seus aspectos fundamentais. O avô contador de mitos não está apenas contando histórias para o neto antes de dormir, mas transmitindo à geração seguinte o conhecimento do mundo. Assim, ainda que por profissão fosse eminente helenista, o avô transmitia ao seu neto não só o conhecimento dos mitos contados, mas o conhecimento do mundo em tempos vividos pelo avô.

Nesse sentido, *O universo, os deuses, os homens* reflete, a nosso ver, a imagem do mundo nos tempos vividos por Jean-Pierre Vernant. Parece-nos que poderíamos distinguir, na imagem do mundo descrita pela narrativa vernantiana do mito, o que pertence aos tempos vividos por Jipé (como o neto Julien o chamava) e o que pertence ao pensamento mítico documentado na *Teogonia* de Hesíodo.

Para o propósito dessa distinção, retomemos a descrição da noção mítica de Caos na narrativa vernantiana e o que podemos ler e colher da noção mítica de Caos no texto da *Teogonia* (2006) de Hesíodo, tentando comparar e distinguir o que há a mais e a menos por um lado nessa narrativa e, por outro, nesse texto.

\* Professor titular de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo, tradutor de Hesíodo, Ésquilo e Eurípides, autor de *A Esfera e os Dias: poemas* (São Paulo: Annablume, 2009).





Jean-Pierre Vernant aceita de Paul Mazon a tradução de *Kháos* por “Abismo” e entende “Abismo” no mesmo sentido que Tártaro, com o que se compromete a compreensão da relação entre *Kháos* e *Gaía*, cuja tradução por “Terra” não nos parece tão questionável quanto a de *Kháos* por “Abismo”. Parece-nos que esse compromisso na compreensão da relação entre *Kháos* e *Gaía* se deve antes aos tempos vividos por Jipé do que ao pensamento hesiódico documentado na *Teogonia*. Trocando em miúdos, examinemos as razões de nossa suspeita de que o “Abismo” vernantiano possa não ser o *Kháos* hesiódico.

“Abismo”, por via do latim *abyssus*, vem do grego *ábyssos*, que significa literalmente “sem fundo”, formado do prefixo negativo “a-” e de *bússos*, “fundo (do mar)”. Isso corresponde à descrição do Tártaro na *Teogonia*, mas, a nosso ver, não necessariamente à de *Kháos*.

Pressupomos uma distinção de *Kháos* e Tártaro, porque são dois nomes distintos, com conotações e evocações distintas, ainda que sejam associados.

Há na *Teogonia* quatro ocorrências do nome *Kháos*, em cada ocorrência uma nova associação confere um valor novo a essa noção.

1) O poema começa com a invocação às Deusas Musas, que se desdobra num hino descritivo da natureza e atribuições dessas Deusas e que conclui com a súplica às Musas de que cantem a origem dos Deuses e digam “quem dentre eles primeiro nasceu” (T. 115). A primeira ocorrência do nome *Kháos* é justamente a resposta à questão “quem dentre eles primeiro nasceu”, a saber:

Sim, bem primeiro nasceu Caos, depois também  
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,  
dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,  
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,  
e Eros: o mais belo entre os Deuses imortais,  
solta-membros, dos Deuses todos e dos homens todos  
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.  
(T. 116-122)

Faz-se necessário considerar esses sete versos como um conjunto, porque do ponto de vista da sintaxe é constituído por um único período cujo verbo principal *génét’*, “nasceu”, tem o sujeito composto de quatro nomes, a saber: *Kháos*, nesta citação não traduzido





mas vernaculizado “Caos”, *Gaia*, traduzido por “Terra”, *Tártara*, vernaculizado “Tártaro”, e *Éros*, vernaculizado “Eros”.

Observe-se que o nome Caos responde à questão “quem dentre eles primeiro nasceu” com a substituição do grau normal do advérbio *próton*, “primeiro”, pela forma superlativa do advérbio *prótista* “bem primeiro” (ou mais literalmente, “primeiríssimo”) sobrecarregada por três partículas de ênfase que reforçam asseverações *é toi mèn* (“Sim”).

Essa ênfase superlativa na prioridade de Caos o distingue e contrapõe aos outros três sujeitos do mesmo verbo. O que significa essa enfática prioridade atribuída a Caos? Se devemos buscar a resposta a essa pergunta na perspectiva do pensamento mítico hesiódico, devemos então recusar todas as formulações que recorrem a noções próprias do pensamento abstrato posterior e estranhas ao pensamento mítico hesiódico, notadamente as que apelam às categorias abstratas de espaço e de tempo. Não se trata, pois, nem de uma anterioridade cronológica nem de uma relação de primazia espacial.

A natureza dessa prioridade atribuída a Caos a nosso ver se revela nessa relação em que se encontram os quatro nomes que compõem o sujeito do verbo *génēt'*, “nasceu”. Para compreender-se a dinâmica dessa relação, é necessário compreender o que significa cada um dos quatro nomes, cujas noções estão implicadas nessa relação.

Em contraste com o Deus Caos, que nestes versos inaugurais da *Teogonia* se descreve unicamente pelo nome e pela ênfase na prioridade, o nome da Deusa Terra se desdobra em um epíteto (*eurýsternos*, “de amplo seio”), um aposto (“de todos sede irreválvel sempre”), e uma oração adjetiva (“dos imortais que têm a cabeça do Olimpo”). Esse desdobramento em que se explicita a natureza da Deusa Terra como fundamento inconcusso de tudo e de todos os Deuses Olímpios por sua vez se desdobra em seu contrário com a nomeação do terceiro nome, Tártaro.

A seção da *Teogonia* que se pode intitular “descrição do Tártaro” (T. 722-819) descreve Tártaro como *khásma még'*, “vasto abismo” (T. 740) e como lugar da queda sem direção e sem fim (T. 740-743). O desdobramento em que se explicita a natureza da Deusa Terra, pois, conclui com a paradoxal inclusão de sua contra-natureza, a saber, a privação de fundamento, o lugar da queda cega e sem fim.

O termo com que se descreve o Deus Tártaro, *khásma*, “abismo” (T. 740), tem a mesma raiz do nome *Kháos*, “Caos”, e do verbo *kháino*, que significa “abrir-se; entreabrir-se; fender-se”. A





palavra *khásma* é formada dessa raiz verbal e do sufixo *-ma* designativo de objeto ou resultado da ação. A simetria entre Caos, o primeiro dos quatro termos que compõem o sujeito do verbo *génet'*, “nasceu”, e Eros, o quarto termo desse sujeito composto, permite-nos entender *Kháos* como o nome da ação de entreabrir-se e fender-se, e assim entender Tártaro, dito *khásma*, como o resultado dessa ação de entreabrir-se e fender-se. A simetria entre Caos e Eros como nomes de ação permite-nos pensar que descrevem as duas formas de procriação pelas quais se desdobram as genealogias divinas da *Teogonia*, Caos nomeando a procriação por cissiparidade, e Eros nomeando a procriação por união amorosa.

Essa simetria entre Caos e Eros e os versos 740-743 da *Teogonia* descritivos do Deus Tártaro nos permitem compreender a relação entre Caos e Tártaro mediada por Terra nos versos 116-119 como uma relação entre *kháos* – entendido como a ação de entreabrir-se e fender-se – e *khásma* – entendido como o resultado dessa ação – compreendendo-se assim o nascimento do Deus Tártaro como uma procriação da Deusa Terra presidida por Caos, o que se diz por cissiparidade. Nessa presidência da procriação e do nascimento por cissiparidade reside a prioridade ontogenética – não espacial nem temporal – de Caos.

O verso 119 localiza o Deus Tártaro, dito *eeróenta*, “nevento” (*i.e.* invisível), “no fundo do chão de amplas vias”, como se o lugar da queda cega e sem fim constituísse um último e abscondido aspecto da sede sempre irresvalável de tudo e de todos, a saber, o aspecto da privação.

O par antitético constituído por Terra e Tártaro – o ser do fundamento inconcusso universal e, como o último termo da sua primeira explicitação, a total negação e privação de todo fundamento – preenche por sua vez a condição necessária da possibilidade de nascer o Deus Eros, o Deus que preside a procriação por união amorosa, e cujo ser, portanto, tem por condição necessária a preexistência do par amoroso, o qual, por sua vez, pressupõe a dúlice preexistência da mãe primordial e da ação cujo nome é Caos. Visto que a mãe primordial somente vem a ser mãe primordial mediante essa ação de Caos, assim se explica a enfatizada prioridade de Caos sobre os primeiros nomeados.

Os versos 120-122 descrevem o Deus Eros, o quarto nome do sujeito composto do verbo *génet'*, “nasceu”, também com um superlativo, *kállistos*, “o mais belo (entre os Deuses)”, e ainda com dois traços aparentemente contraditórios, a languidez (*lysimelés*, “solta-membros”) e o poder universal sobre mortais e imortais.





Os quatro nomes do sujeito composto do verbo *génēt'*, “nasceu”, constituem, pois, uma unidade complexa cujo centro na figura da Deusa Terra, mãe universal, integra os outros três como aspectos necessários do próprio ser-fundamento universal: as duas formas de procriação descritas na *Teogonia* – cissiparidade e união amorosa, domínios opostos e complementares de Caos e Eros – e o aspecto sombrio da negação e da ausência de todo fundamento, descrito na figura nevoenta (*i.e.* invisível) de Tártaro.

Esse conjunto dos sete versos inaugurais da *Teogonia* (T. 116-122), recortados pela simplicidade do período sintático que reúne os quatro primeiros nomeados como o sujeito quádruplo de um único verbo principal – *génēt'*, “nasceu”, o verbo por excelência genealógico e teogônico – é emblemático da configuração própria da percepção peculiar ao pensamento mítico: uma percepção sinótica, concreta e imediata, que contrasta com a percepção característica do pensamento abstrato, abstrata e analítica.

2) Na sua segunda ocorrência na *Teogonia*, o nome Caos, declinado no genitivo-ablativo (*Kháeos*, T. 123), se associa à sua descendência imediata, com o que se explicita a sua natureza:

Do Caos Êrebos e Noite negra nasceram.  
Da Noite aliás Éter e Dia nasceram,  
gerou-os fecundada unida a Êrebos em amor.  
(T. 123-125)

O nome *Êrebos*, vernaculizado “Êrebos”, tem a mesma raiz que o verbo *erépho*, “cobrir”, e designa as trevas subterrâneas. Nascidos de Caos, necessariamente por cissiparidade, Êrebos e Noite negra, unidos em amor, geram Éter e Dia.

O nome *Aithér*, vernaculizado “Éter”, tem a mesma raiz que o verbo *aítbo*, “acender”, “queimar”, “brilhar”, e designa o fulgor diurno e noturno do céu.

Os nomes femininos *Hemére*, traduzido “Dia”, e *Nýx*, traduzido “Noite”, associados aos nomes masculinos Êrebos e Éter, compõem dois pares antitéticos, sendo o par tenebroso gerado por cissiparidade e o par luminoso gerado por união amorosa. Assim se explicita a natureza sombria de Caos e a sua confinidade e complementaridade com a natureza luminosa de Eros.





Os versos 126-133 da *Teogonia*, explicitando a natureza da Deusa Terra mediante o catálogo dos descendentes imediatos dela, nascidos por cissiparidade, ressaltam a presença de Caos – não nomeado senão pela litotes “sem o desejoso amor” (*áter philótetos ephimérou*, T. 133) – na procriação e nascimento dos Deuses presentes na paisagem do Mediterrâneo:

Terra primeiro pariu igual a si mesma  
Céu constelado, para cercá-la toda ao redor  
e ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre.  
Pariu altas Montanhas, belos abrigos das Deusas  
ninfas que moram nas montanhas frondosas.  
E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas,  
o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu  
do coito com Céu: Oceano de fundos remoinhos. (etc.)  
(T. 126-133)

Nesses versos, a geração por cissiparidade dos Deuses Terra, Céu, altas Montanhas e Mar – os Deuses visíveis na paisagem do Mediterrâneo – aponta e delimita a confinidade e associação de Caos com os luminosos Deuses súperos.

A nomeação de “Céu” (*Ouranón*, T. 126) nesse catálogo dos primeiros gerados da Deusa Terra reitera a unidade e identidade dos Deuses Céu e Terra como “sede irresvalável sempre” (T. 117, 128). Considerando-se que Céu e Olimpo são equivalentes como domicílio dos Deuses súperos, essa unidade e identidade dos Deuses Céu-Olimpo e Terra já se mostra nos versos 117-118 da *Teogonia*, segundo os quais Terra é “sede irresvalável sempre / dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado”.

3) Na sua terceira ocorrência na *Teogonia*, na descrição das consequências da Titanomaquia, o nome Caos, declinado no caso acusativo (*Kháos*, T. 700), marca o termo do movimento do “calor prodigioso” (*Kaúma dè thespésion*, T. 700) da conflagração universal resultante da luta de Zeus e seus aliados contra seu pai Crono e seus aliados, dita “titanomaquia” porque “Titãs” é o epíteto comum dado por Céu a Crono e seus irmãos (cf. T. 207-210).

4) Na sua quarta ocorrência, o nome Caos – declinado no caso genitivo-ablativo no regime da preposição *péran* “além





de”, “do outro lado de” – no sintagma “além do Caos sombrio” (*péren Kháeos zopheroío*, T. 814) indica o Tártaro como lugar dos Titãs, determinado por Zeus, ao vencê-los na titanomaquia. Portanto, se Tártaro se situa “além do Caos sombrio”, essa situação distingue o lugar de Tártaro do lugar de Caos, e Caos e Tártaro não são o mesmo lugar, nem estão no mesmo lugar.

Em ambas, as segunda e quarta ocorrências, o caso genitivo-ablativo confere ao nome *Kháeos* o valor de dupla referência: no sentido de Caos sombrio a seus luminosos descendentes Éter e Dia (*Kháeos*, T. 123), e no sentido da exclusão de toda participação nos Deuses súperos luminosos e na soberania de Zeus, “além de Caos sombrio” (*péren Kháeos zopheroío*, T. 814).

As associações de Caos produzidas por essas quatro ocorrências do nome na *Teogonia*, portanto, incluem a titanomaquia e a vitória e a soberania de Zeus por um lado e, por outro, o confinamento dos inimigos vencidos de Zeus no Tártaro.

O mito principal da *Teogonia* narra os combates pela soberania, primeiro entre Céu e Crono e depois entre Crono e Zeus; esses combates decidem a sucessão das soberanias de Céu, Crono e Zeus; a narrativa desses diversos combates e o contraste entre essas diversas soberanias explicitam a natureza de Zeus e de sua soberania. Para compreendermos, pois, o sentido dessa associação entre Caos e Zeus e da relação que se estabelece nessa associação entre Caos e Zeus, examinemos os mitologemas – como se dizem em grego as sequências narrativas – que compõem essa narrativa e o seu imaginário: 1) o mitologema do Céu e do combate entre Céu e Crono, 2) o mitologema de Crono e de sua soberania, 3) os quatro mitologemas dos combates de Zeus pela soberania, e 4) a aclamação de Zeus rei pelos Deuses aconselhados por Terra e a partilha presidida por Zeus das honras entre os Deuses (T. 881-885).

1) Terra primeiro por cissiparidade gerou igual a si mesma Céu constelado para cobri-la toda e para ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre (T. 126-127), e depois, unida em amor ao Céu (*autàr épeita / Ouranôi eunetheïsa*, T. 132-133) gerou os filhos que o pai Céu – ávido de cópulas – impedia de virem à luz; Terra concebe o plano doloso e o aço grisalho, põe Crono, o filho mais novo dela e do Céu, em emboscada; Crono castra o Céu; e dos salpicos sangrentos sobre a Terra nascem as Erínias punitivas, e os belicosos Gigantes, e as ninfas dos freixos, de que se fazem as lanças; e da espuma do pênis flutuando no Mar nasceu Afrodite, dita *philom-*





*medéa*, “amor-do-pênis”, por trocadilho com *philomeidéa*, “amiga-do-sorriso”; castrado, Céu impreca os filhos com o epíteto de Titãs e a previsão de castigo por serem tão altivos (T. 126-210).

2) Crono, unido a sua irmã Reia, gerou as Deusas Héstitia, Deméter e Hera e os Deuses Hades, Posídon e Zeus, mas sabendo de Terra e Céu constelado que lhe era destinado por desígnios do grande Zeus ser vencido por seu filho, ainda que poderoso, engolia os filhos tão logo nascidos; entretanto, quando Reia ia parir Zeus, suplicou aos pais dela, Terra e Céu constelado, que concebessem um arдил para que ela parisse às ocultas e Crono fosse punido pelas Erínias de seu pai e de seus filhos engolidos; eles a atenderam e através da Noite negra a levaram a Licto, em Creta, onde ela pariu Zeus, escondeu-o numa gruta e deu a Crono uma pedra envolta em cueiros em vez do filho, Zeus, que cresceu rápido e com violência o expulsou da honra e reina entre o imortais (T. 453-506).

3) Os quatro mitologemas dos combates de Zeus pela soberania:

3.1) O jogo de astúcia entre Prometeu e Zeus, com o qual se estabelece a condição mortal e sexuada dos homens, o sacrifício cruento como reunião dos Deuses e dos homens, o castigo imposto a Prometeu por sua tentativa de enganar Zeus, e a superioridade em astúcia de Zeus sobre Prometeu (T. 507-616).

3.2) A titanomaquia, na qual Zeus conta com os conselhos da Terra (T. 626), com a aliança dos Centímanos Briareu, Coto e Giges, filhos da Terra e do Céu (T. 147-153, 626-675, 713-717), com a aliança dos Deuses Olímpios, ditos “doadores de bens”, filhos de Reia e Cronos (T. 633-634), e com o seu próprio furor (T. 687-711); em consequência da vitória de Zeus, os Titãs são excluídos de toda participação no ser-fundamento, lançados e encarcerados no Tártaro (T. 617-721).

3.3) A luta contra Tifeu: filho de Terra e Tártaro, com cem cabeças de serpente-vidente, com olhar flamejante e com vozes várias, Tifeu representa a astúcia infernal, mas Zeus o surpreende, fulmina em outra conflagração universal (outra que a da titanomaquia) e o atira ao Tártaro (T. 820-880).

3.4) As núpcias de Zeus e Astúcia (*Mêtis*): avisado por conselhos de Terra e Céu constelado que sua esposa Astúcia geraria primeiro







uma filha igual ao pai no furor e na prudente vontade, e depois um filho que suplantaria o pai, Zeus a enganou com arдил e palavras sedutoras, e engoliu-a ventre abaixo para que Astúcia lhe indicasse o bem e o mal (assim se explica o epíteto de Zeus *Metíeta*, “Sapiente” ou “Astucioso”, T. 886-900).

Essas sinopses nos permitem observar nos versos supracitados:

1) Terra concebe o plano vitorioso; a soberania de Céu, gerado para cobrir a Deusa Terra e ser sede irresvalável sempre de todos os imortais, é descrita por imagens de vida intrauterina e não manifesta.

2) A soberania de Crono reside na reiteração da vida intrauterina e não manifesta, na vigilância enganada em tentativa cega de evitar o inevitável (*i.e.* a luta contra os desígnios de Zeus), e no cumprimento da punição das Erínias do pai e dos filhos engolidos.

3) A soberania de Zeus se afirma na superioridade em astúcia sobre 3.1) Prometeu, cuja arte dolosa na tentativa de trapacear Zeus serve aos desígnios de Zeus, 3.2) Crono e seus aliados, suplantados pelas alianças mais poderosas de Zeus, 3.3) Tifeu, de cem cabeças de serpente-vidente, surpreendido por Zeus onividente, e 3.4) Astúcia mesma, a mais sábia que os Deuses e os homens mortais, surpreendida e subsumida por Zeus astucioso.

4) Em contraste com contraimagens de soberania de Céu e de Crono, a soberania de Zeus reside no mundo manifesto – segundo o plano doloso e os conselhos oraculares da Deusa Terra, mãe universal – e entre os Deuses imortais e homens mortais preside a partilha das honras e da participação no ser-fundamento.

Se diante dessas sinopses da *Teogonia* de Hesíodo retornamos à narrativa vernantiana do mito grego, ao depararmos com um “Abismo” no lugar de Caos, surpreende-nos como, no capítulo intitulado “A origem do universo”, do livro *O universo, os deuses, os homens*, a imagem vernantiana do mundo reproduz e conserva o sentimento de insegurança e de instabilidade do mundo depois da bomba de Hiroshima e Nagasaki e durante a chamada Guerra Fria.

O retorno imediato dessas páginas de Jean-Pierre Vernant ao texto de Hesíodo nos permite constatar que o contador de mitos, que na segunda metade do século passado reatualizava os mitos gregos contando-os a seu neto e a seus amigos, transmite em sua narrativa algo mais inquietante e perturbador do que havia no texto hesiódico.





REFERÊNCIAS

- Bally, A. (2000). *Dictionnaire grec français*. Paris: Hachette.
- Denniston, J. D. (1991). *The greek particles*. London: Gerald Duckworth.
- Hesiod (1971). *Theogony*. Edited with prolegomena and commentary by M. L. West. Oxford: Clarendon Press.
- Hésiode (1972). *Théogonie, les travaux et les jours, le bouclier*. (P. Mazon, trad.). Paris: Les Belles Lettres.
- Hesíodo (2006). *Teogonia, a origem dos Deuses*. (J. Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras.
- Malhadas, D. et alii (2010). *Dicionário grego-português*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Vernant, J.-P. (2003). *O universo, os deuses, os homens*. (R. F. d’Aguar, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

RESUMO | SUMMARY

**A noção mítica de Kháos na Teogonia de Hesíodo** Sobre a noção mítica de Caos se formulam e se analisam três questões, a saber, 1) em que e 2) por que 3) o que se lê no livro *O universo, os deuses, os homens* de Jean-Pierre Vernant se distingue e difere do que se pode ler no texto da *Teogonia* de Hesíodo? | *The mythical notion of Khaos in Hesiod’s Theogony* On the mythical notion of Khaos, we can ask three questions: 1) in which and 2) why 3) what can be read in the book *L’univers, les dieux, les hommes* by Jean-Pierre Vernant is distinct and different from what can be read in Hesiod’s *Theogony*?

PALAVRAS-CHAVE | KEYWORDS

Pensamento mítico. A noção mítica de Caos. Teogonia. Hesíodo. Hiroshima. Nagasaki. Guerra Fria. | *Mythical thought. The mythical notion of Khaos. Theogony. Hesiod. Hiroshima. Nagasaki. Cold War.*

**JAA TORRANO**

Rua Edgard Machado Santana, 290, apto. 33  
05587 000 - São Paulo - SP  
tel.: 11 3726- 6383  
jtorrano@usp.br

RECEBIDO 01.04.2012  
ACEITO 20.04.2012